

NOTICIÁRIO ACADÊMICO

CURSO DO PROFESSOR LUIGI BAGOLINI NA FACULDADE DE DIREITO

O Professor Luigi Bagolini, catedrático de Filosofia do Direito da Universidade de Genova, regeu um curso monográfico sobre matéria de sua especialidade, subordinado ao tema: "O Problema do Abuso do Direito".

As aulas foram iniciadas em agosto do corrente ano prolongando-se até novembro, mês em que foram encerradas juntamente com o ano letivo.

Foi o seguinte o programa do curso ministrado pelo ilustre jurista e filósofo:

O PROBLEMA DO ABUSO DO DIREITO

I

1. Metodo da indagação sôbre o abuso do direito.
2. Interdependência dos conceitos jurídicos.
3. Significação comum do conceito de abuso do direito com referência à noção de direito subjetivo.

II

1. Sentido jurídico e sentido filosófico do conceito de "abuso".
2. Relação entre o conceito de "abuso" e o problema filosófico do fundamento do direito.

III

1. Da necessidade de uma indagação histórica para a determinação concreta do conceito de abuso.
2. Aspecto desse problema no direito romano.

IV

1. Doutrinas negadoras da proibição dos atos emulativos no direito romano.

2. Doutrinas que afirmam a existência do conceito de abuso no direito romano — Análise de alguns textos fundamentais.

V

1. Tomada de posição perante as teorias contrastantes.
2. Abuso do direito e interpretação.
3. Teoria do abuso na evolução do direito Romano.

VI

1. O conceito de abuso do direito no pensamento cristão e no direito intermedio.
2. Os glosadores e os humanistas — Cujacio.

VII

1. A condificação napoleonica.
2. O problema do abuso do direito na jurisprudência francesa.

VIII

1. O problema do abuso do direito na legislação alemã.
2. Questões de exegese.

IX

1. O problema do abuso do direito na jurisprudência brasileira.
2. Exames de textos.

X

1. O problema do abuso do direito na legislação alemã.
2. Questões de exegese.
3. Referências à jurisprudência e à doutrina.

XI

1. O problema do abuso do direito na legislação suíça.
2. Exame do problema no novo código italiano.

XII

1. Classificação das diversas teorias acerca do abuso do direito.

2. Responsabilidade por culpa e abuso.
3. O problema da responsabilidade objetiva.

XIII

1. Abuso e dano.
2. Aspectos da teoria do direito subjetivo com referência ao conceito de abuso.

XIV

1. O problema do abuso na teoria da relatividade dos direitos.
2. Teorias que identificam o direito do abuso com o critério moral.

XV

1. Tomada de posição perante as precedentes teorias.
2. O critério do abuso numa concepção institucionalista do direito.

XVI

1. A teoria do abuso como teoria da interpretação jurídica.
2. Interpretação declarativa e interpretação evolutiva.

XVII

1. Significação filosófica da redução da teoria do abuso à doutrina da interpretação jurídica.

* * *

CURSO DO PROFESSOR CAMILO BARCIA TRELLES NA NA FACULDADE DE DIREITO

O Professor Camilo Barcia Trelles, catedrático de Direito Internacional e diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Santiago de Compostela, regeu um curso monográfico sobre matéria de sua especialidade, subordinado ao tema: "O Problema da Unidade, Dualidade e Pluralidade do Mundo, Considerado em sua Significação Histórica e em sua Projeção Atual".

As aulas foram iniciadas em 15 de abril do corrente ano, tendo sido frequentadas por assistência numerosa e seleta. O curso teve a duração de dois meses. Na sessão Final de encerramento, o Prof. Camilo Barcia Trelles, depois de responder à saudação

que lhe dirigiu o Prof. Braz de Sousa Arruda, ofereceu à Faculdade de Direito, como testemunho de agradecimento, e de homenagem, os originais do curso que acabara de professor.

Foi o seguinte o programa do curso ministrado pelo eminente jurista:

O PROBLEMA DA UNIDADE, DUALIDADE E PLURALIDADE DO MUNDO, CONSIDERADO EM SUA SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA E EM SUA ATUAL PROJEÇÃO

I

POSIÇÃO DO PROBLEMA

Anacronismo do meridiano de Jefferson. O mito atual do parapeito atlântico (de 1796 a 1939). Complexidade e perplexidade. As alterações registradas desde 1914: a.— o balanço de Norman Angell (da grande ilusão ao grande desequilíbrio; a era atômica, a crise imperial britânica, o incremento do poder material e dialético do Império Russo e a talassocracia norte-americana) b.— a celeridade das superações; c.— valorização e fixação dos fatores determinantes da política internacional.

II

A VERSÃO GEOPOLÍTICA DO ATUAL PROBLEMA

Um ensaio interpretativo: a versão de Halford J. Mackinder. A versão dos *oceanícolas* (The sea man, as point of view). Greta, Persia, Lacio, as cruzadas, o plano britânico e a talassocracia anglicana. A Ilha Mundial e seu contraste com o Hemisfério Ocidental. A exegese dos *terricolas*; o Heartland do Norte e do Sul e suas semelhanças; camaleões e cavaleiros; o sentido estratégico do Heartland; as três grandes consequências estabelecidas por Mackinder.

A organização planificada do Heartland; de Yalta (1945) a São Francisco (1951). Um tratado de paz estranho e incompleto. Fatores inéditos no atual problema asiático.

III

SÓBRE A EXISTÊNCIA DE UM FATOR AGLUTINANTE

O problema da unidade do mundo e suas raízes históricas. A versão de Carl Schmitt. As atuais razões (apaziguamento, *modus vivendi* e contenção). O Superestado e a Superpotência.

A solução dualista; o dualismo como fenômeno episódico, as tendências à evasão “-escapismo-” e a terceira força. Monismo, dualismo e pluralismo.

IV

O MONISMO

As tendências monistas inspiradas no arcaísmo; a— o monismo *imperial*; Dante e seus quatro postulados. Bartolo e sua ponderada visão monista (o papado e o império; o Império e as monarquias; justificação do Império, como poder dirimente); b— o monismo *papal*; Gil de Roma e Tolomeo de Lucas; a penetrante versão compensativa de Alvaro Pelayo (O imperador e o poder temporal; superioridade do poder espiritual ao temporal; notas diferenciais entre ambos os poderes); c. — o monismo harmônico (São Boaventura).

Atualidade das precedentes versões, como fonte de inspiração.

V

INTENTO DE EXPORTAR O MONISMO MEDIEVAL PARA O NOVO MUNDO

Os títulos ilegítimos segundo F. de Vitoria (autoridade universal do Romano Pontífice e do Imperador). A Bula de Alexandre VI, interpretada por Carl Schmitt (linhas globais e linhas agonais. Contrastes das Versões hispano-lusitana e franco-inglesa à respeito ao destino da América. A tese cesarista de Juan Gines de Sepulveda e a refutação de Domingo de Soto. A legação do monismo papal e o “requerimento” de Palacio Rubios. O caráter missionário da empresa Hispano-Lusitana na América e seu contraste com o sistema das “amity-lines”; onde Inglaterra e França assinalavam o vazio Jurídico, Espanha e Portugal instilavam o Direito Internacional do porvir. Inalienabilidade e neutralização da América.

VI

AS SOLUÇÕES PLURALISTAS

O equilíbrio como instrumento de pluralismo. Atualidade do problema do equilíbrio político. Raízes doutrinárias do Equilíbrio; Políbio: Maquiavel e sua construção sutil (o mal menor, o problema da segurança, a política do mal vizinho, a neutralidade, as alianças, seus acidentes e o veto). Consequências anár-

quicas que engendra a tésede Maquiavel. Maquiavel como oráculo de uma Europa amoral e corrompida.

Pressuposto fictício do equilíbrio; a unidade e a hierarquia de poderes, eliminadas pelo renascimento e a Reforma. Aparecimento da política internacional aritmética; o triunvirato onipotente, símbolo de equilíbrio (Carlos, Enrique e Francisco). Os tradutores da nova realidade europeia (Lord Bacon, Enrique de Rohan y Fenelon). A nova modalidade do equilíbrio (as repartições). As Coalizões e a instabilidade europeia de 1648 (1713 e 1815). A Santa Aliança na Europa e América (significação do gesto monróico). Dificuldade dos Estados Unidos em assimilar a idéia de equilíbrio. O equilíbrio em 1648 e em 1952; notas diferenciais. O equilíbrio, o Pacto do Atlantico e a atual universalização do problema.

VII

O DUALISMO ATUAL

Os protagonistas do dualismo internacional na hora presente:

a) *A política internacional norte-americana* — Elementos determinantes de toda política internacional (fatores necessários e voluntários e sua possível conjugação; continuidade e descontinuidade em política internacional; o atual fenómeno extensivo na dinâmica internacional). Existem as chamadas constantes históricas em política internacional? O isolacionismo norte-americano, enquanto inclinação constante. Análise e avaliação do Manifesto de Adeus de Washington de 17 de novembro de 1796 (nossa interpretação pessoal sobre o histórico e pseudo-bíblico documento). Intento europeu de inspirar-se nos ensinamentos de Washington; reações continentais — França — e insulares — Inglaterra —. Interpretações belga, portuguesa, italiana e alemã. A evolução histórica do isolacionismo norte-americano; a) — raízes hispanicas do chamado isolacionismo b) o isolacionismo, o destino manifesto e a liberdade dos mares; c) o isolacionismo cobijado à sombra de pretextos constitucionais; d) o refreado complexo de isolacionismo e. — o isolacionismo e a política biesférica; f. — o isolacionismo e o primeiro após-guerra; isolacionismo e trumanismo; g. — gênese do Pacto Atlantico e recidivas isolacionistas.

As recentes inclinações neo-isolacionistas e anti-isolacionistas;

a. — a doutrina do parapeito (Hoover Eisenhower); consideração especial da tésede Hoover, exposta em seus dis-

cursos de 1951 e 1952; o parapeitismo de Walter Lippman; b. — Nova versão da tese da contenção (a doutrina da diplomacia total); c. — a última exegese do “parapeitismo” (o sistema da defesa periférica). As interpretações de George Kennan e de James Burnham.

b) — *A política internacional russa.* — A tese do espaço incontrolável através de quatro experiências históricas (1610-1708-1812-1941); explicação do citado fenômeno. A guerra fria como semeadora de inquietudes. A tese da Rússia como Deus Jano (o pendulo alternativo entre oriente e ocidente). O testamento de Pedro I e a inquietante atualidade de suas cláusulas. A ânsia oceanícola da Rússia, como fator determinante de sua política internacional. Os fatores necessários e voluntários na política internacional russa. O messianismo russo como inclinação plurisecular. As teses precedentes referentes ao processo histórico da política internacional russa (1700-1914). A Rússia isolada do mundo se concentra em seu oceano interior (os planos quinquenais).

A reação norteamericana (Política da Porta Aberta). A política internacional russa na Eurásia, no momento presente (1945 e 1950) de Chiang a Mao. O Direito Internacional, com versão russa, como arma política.

A réplica norteamericana ante o “mackinderismo” russo na Ásia. O Livro Branco norteamericano e o profético informe Wedemeyer; o santuário manchuriano e uma guerra sem epílogo castrense o paradoxal caso de Formosa.

O Heartland e o mundo periférico, frente a frente. O intento aclaratório de Acheson e a tese diferencial de Lippman. O duelo atual entre uma potência terrícola (Rússia) e outra oceanícola (Estados Unidos). O que representa esta luta, qual pode ser seu epílogo e que consequências implicam seu desenlace. Uma versão plurisecular das possibilidades decisórias das talassocracias (a República dos atenienses).

VIII

AS NORMAS DA EQUIDISTÂNCIA E DA EVASÃO (TERCEIRAS FORÇAS E PLURALISMOS)

a) As inteligências regionais; b) a tese dos espaços vitais; c) os neutralismos; como explica Hoover o processo formativo dos neutralismos europeus. Genese do “escapismo” do velho mundo. O neutralismo e a fixação do conceito (neutralismo estático

e dinâmico — O neutralismo dos vencedores e a tese da terceira posição: França, Inglaterra, Índia, Egito. O surpreendente neutralismo dos vencidos. Consideração especial dos neutralismos nipônico e alemão.

IX

A AMÉRICA HISPANICA EM FACE DO PROBLEMA DA UNIDADE DO MUNDO

O isolacionismo dos Estados Unidos, em sua projeção sul-americana. As reações ao sul do Rio Grande: a. — Rivadavia; b. — o condicionalismo de Clay; c. — a versão mexicana; d. — a reação dialética brasileira. O particularismo monróico, frente ao ecumenismo bolivariano. O cosmo hispanico e a limitação anglo-saxônica. O Congresso do Panamá em 1826.

A atual posição da América Iberica, ante o transe da universalização da politica internacional norte-americana. O panamericanismo rebaixado ou inadaptado? Como a América Hispânica perdeu sua conjuntura histórica e o que significa Eurafica frente à Panamerica, segundo a exegesis de Carlos Davila. Repercussões na América da súbita europeização norte americana. Incluída no Novo Mundo uma cosmocracia potencial, parecem ausentes da conjuntura os movimentos de retração americana.

* * *

CONFERENCIAS DO PROFESSOR MARCEL SIBERT NA FACULDADE DE DIREITO

O Professor Marcel Sibert, titular da cadeira de Direito Internacional Público da Faculdade de Direito da Universidade de Paris e diretor do Instituto de Altos Estudos internacionais da mesma Universidade quando esteve em São Paulo a convite da Reitoria da Universidade, realizou nesta Faculdade cinco palestras destinadas aos alunos do Curso de Bacharelado e demais interessados, a primeira das quais publicada nesta Revista.

Ao iniciar o ciclo de conferências, a primeira das quais versando o tema “A Disputa entre o Direito Natural e o Direito Positivo”, foi o ilustre internacionalista saudado pelo Prof. Pinto Pereira e pelo Prof. Ernesto Leme, reitor da Universidade. As conferências seguintes se subordinaram aos temas: “Um Caso Especial de Denegação de Justiça: a Insuficiência dos Tri-

nais” e “As Garantias em Favor dos Individuos nos Antigos Tratados de Anexação”.

No ato de encerramento das conferências proferidas nesta Faculdade, foi o Professor Marcel Sibert saudado pelo Professor Braz de Sousa Arrudà que ressaltou a importância dos ensinamentos e os méritos consagrados do eminente jurista. Agradecendo a homenagem que lhe era tributada o Professor Marcel Sibert ofereceu à Faculdade de Direito o exemplar pessoal do “*Traité de Droit International Public*” que acaba de publicar.

* * *

O LIVREIRO SARAIVA E AS TRADIÇÕES ACADÊMICAS

O “Diário do Norte”, que se edita no *Porto*, publicou um artigo de autoria do ilustre escritor *Joaquim Leitão* evocando a personalidade do saudoso livreiro Joaquim Saraiva. Eis o teor do referido artigo:

“Há sessent’anos bem contados, aí no Porto, num prédio que faz esquina da Rua do Almada para a Travessa da Picaria; e junto à fonte, a meio correr da larga fachada, existia uma livraria, — “Biblioteca do Cura d’Aldeia”, propriedade de meu Pai — Joaquim Antunes Leitão —, que começou por traduzir e editar a fascículos, o Escrich, e acabou por editar a “*Velhice do Padre Eterno*”, de Junqueiro. Foi o núcleo criador da “*Empresa Literária e Tipográfica*”, que nasceu no prédio, da mesma Rua do Almada, mas mais acima e do lado oposto, n.º 347, donde passou para um prédio todo da Rua D. Pedro, e onde continuou a editar as celebridades da época — Camilo, Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro, Antonio Cândido, Maria Amália, Gervásio Lobato, etc. E como oficina gráfica tomou tal desenvolvimento que havia sempre dois cofres fortes, um simples, dos maiores, e outro duplo, sempre cheios de originais brasileiros, “stock” para dois anos.

“Chegou a imprimir um volume de duzentas e cinquenta páginas por dia!

“Para a Livraria, ainda “Biblioteca do Cura D’Aldeia”, — título do romance de Escrich, traduzido em Folhetins no “*Comércio do Porto*” e que este grande jornal cedeu, entrou como marçano um rapazito da Província, seus onze anos, chamado

Joaquim Saraiva, tratado como filho, por meu pai, e como companheiro de geração por nós. Decorridos anos, o Saraiva, que dera mostras de queda para o ramo da Livraria, e sempre fôra moralmente exemplar, respeitador, obediente, affectivo, grato, foi autorizado a usar gravata. Era caixeiro.

“Rodou o tempo. Chegou a hora de o Saraiva pensar no seu futuro. Emigrou para o Brasil é claro, porque, naquele tempo, o nosso principal território africano e os portugueses conheciam-no por Costa D’Africa, e como depósito de degredados. Partiu com um abraço de meu Pai e as lágrimas de nós todos lá de casa. Fixou-se em S. Paulo, e, depois de uma tentativa de importação de vinhos portugueses, optou pelo ramo de livraria, em que fôra criado e educado.

“Dedicou-se à especialidade jurídica; livros de direito portuguezes, brasileiros, italianos, franceses. A breve trecho a livraria Saraiva era um centro dos lentes e alunos da Faculdade de Direito de S. Paulo. Procurada, considerada e o seu proprietário respeitadissimo e queridissimo, porque além do bom fornecimento o Saraiva era um rapaz — foi fazer 19 anos no Brasil! — de uma bondade moldada nas faculdades da Mãe, que ele e os seus descendentes apelidam “a Santa”. Um estudante chegava à Livraria, e escolhidos os livros do ano escolar manifestava certo enleio na aquisição; o Saraiva, que adivinhava a situação cortava cerce, dizendo para o rapaz; — “Não tens dinheiro. Leva os livros que te forem precisos. Um dia pagarás”.

“Fazia isto a todos os rapazes da Faculdade de Direito, que pagavam depois de formados. Com o crédito dos livros, adiantava-lhes dinheiro para as matrículas e muitas vezes até para as despesas da pensão. E a par de importante como todos estes auxílios, vinham os bons conselhos, fraternais, para não dizer paternos. Tanto que o cognomiram o “Conselheiro Saraiva”. Uma dúzia de anos decorrida, nas catedras da Faculdade de Direito de S. Paulo, nos primeiros postos da vida official, até nas cadeiras do governo estadual, na advocacia via-se uma geração, uns mais outros menos, que o Livreiro Saraiva ajudara a formar. E a sua cruzada continuou sempre. A população, o comércio, a indústria toda a gente sabia da vida admirável do Saraiva.

“Simultaneamente, o Saraiva mandava todos os anos para os pobres da sua aldeiazinha natal sucessivas quantias. Vindo a Portugal, restaurou a Igreja onde fôra baptizado, consertou casas de pobres e até estradas abriu à sua custa.

“Na última visita a Portugal, o povo do seu torrão, foi esperá-lo à entrada da freguesia, levando ao ombro as enxadas e outras alfaias do trabalho.

“Ao regressar ao Brasil esperava-o outra manifestação: estudantes e até professores da universidade de Direito, e representantes de todas as classes de S. Paulo, tomaram um comboio especial, para o vir esperar no Porto. Mas o paquete adiantou. A influência dos manifestantes conseguiu, então, das estações oficiais que ninguém desembarcasse, até nova ordem. A bordo, desde o comandante do vapor até os passageiros, ficou toda a gente muito intrigada por não compreenderem aquela proibição de desembarcar. Por fim, chegou o comboio especial de S. Paulo e entre vivas e palmas Saraiva desembarcou ao colo dos seus gratos manifestantes, e os passageiros do barco compreenderam a emocionante terrível daquela retenção e associaram-se comovidos àquela manifestação, só comparável a recepção de Chefe de Estado.

“Morreu no auge da sua carreira. A sua casa — não só uma forte editora de obras de Direito, mas de diversas coleções de belas-lettras e toda a pedagogia, e já dotada de oficinas gráficas, — continua a tradição comercial e moral, nas mãos dos três filhos, tão trabalhadores, inteligente, tão honestos tão bons como o Pai e a Mãe, que graças a Deus ainda vive, e que quando veio a Portugal, uma das quatro filhas lhe recomendou que me procurasse, os corações lembrados da gratíssima ternura com que o fundador daquela dinastia recordava meu Pai.

“Ninguém pode esquecer.”

“No seu tumulo há versos de estudantes; na progredida e grande, moderníssima cidade de S. Paulo, uma das maiores avenidas, chama-se. “Avenida Livreiro Saraiva”

“E a Faculdade de Direito, representante da gratidão de diversas gerações de juristas, inaugurou o retrato de Saraiva.”

“A emparelhar, com a vida deste herói do trabalho, é de registar esta gratíssima saudade”.

“A gloriosa Faculdade é mestra não só na ciência do Direito, mas também na ciência de ser grato, honra de S. Paulo, do Brasil, dos brasileiros!”.

(Do “Diário do Norte” do Porto, de 21 de Julho de 1952).